

As Narrativas Policiais no Hebdomadário, Noticioso, Crítico e Doutrinário *Vida Policial*

Elena Shizuno¹

Resumo

Vida Policial era um semanário cujo subtítulo designava-se hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário, criado na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e publicado entre os anos de 1925 a 1927. Escolhemos como foco de análise o folhetim e o conto policial publicados na revista e compreender quais eram as formas de classificação do mundo social construídas sobre o mundo do crime e dos criminosos presentes nestas narrativas e construtoras da mediatização de novos personagens urbanos.

Palavras-chave Narrativa policial, mídia, crime.

The Police Narratives in Hebdomadal, News, Critical and Doctrinal.

Abstract

A police life was a seminar whose title was newsy hebdomadal, critical and doctrinal, created in Rio de Janeiro, Brazil, and published between the years 1925 and 1927. We chose as focus of our analysis the publication and the police story published on the magazine. My target is understand which classification forms in the social world built over the crime's world and the being criminals in these narratives and media constructors of new urban characters.

Keywords Police narrative, media, crime.

Traz-me algum bello crime, cuja trama possa servir para um romance sensacional de grande tiragem? (Vida Policial, 1925, n. 45, p. 9)²

Neste artigo, abordaremos a produção de determinadas publicações da revista chamada *Vida Policial* cujo subtítulo designava-se *hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário* criado na cidade do Rio de Janeiro, e publicado de 1925 a 1927. Escolhemos como focos de análise o folhetim e o conto policial publicados na revista. A narrativa ficcional era central na organização da revista *Vida Policial*.

No periódico, a publicação dos contos e do folhetim ocupava longas páginas, e, desde o seu surgimento, criou um público fiel. Parte destas narrativas é caracterizada como gênero literário policial, considerada também construtora da mediatização de novos personagens urbanos, que possibilitou novas formas de interpretação deste universo. Portanto, a construção social do *crime* e do *criminoso*, a partir do folhetim e do conto policial, foi construtora de um

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos/UFPR.

2 Pergunta de um romancista ao policial Pinson, detetive, no conto intitulado “Um crime estranho – O Mysterio dos narcisos negros”.

imaginário social e demarcou posições tanto daqueles grupos envolvidos no combate ao *crime* quanto daqueles que são somente *espectador*.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, os jornais dividiam as reportagens em dois grupos: o chamado serviço telegráfico, elaborado por correspondentes ou recebido pelas agências de informação, que respondia pelas notícias do interior e do mundo, e a chamada informação local. Entretanto, é a informação local que obtém o maior sucesso, diga-se de passagem, e o maior destaque entre o público e prestígio aos repórteres. E entre as diversas divisões que existem nos jornais deste tipo de notícia, aumenta, neste momento, o destaque para o dito *acontecimento policial*. (BARBOSA, 2007:38)

Segundo *O Paiz*, citado por Barbosa, em 1914,

uma tragédia na rua tal, com tiros, facadas, mortes, uma torrente de sangue e diversas outras circunstâncias dramáticas, as turbas se interessam, vibram, têm avidez de detalhes, querem ver os retratos das vítimas, dos criminosos, dos policiais empenhados na captura destes. (BARBOSA, 2007:39)

E atestou sobre esta *preferência*: “Como pode o repórter de polícia deixar de fazer verdadeiros romances-folhetins? A culpa não é deles, é do gosto do público, cuja psicologia é, aliás, muito compreensível”. (BARBOSA, 2007:39)

Assim, nas primeiras décadas deste século, os jornais como o *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias* buscaram adequar-se ao *gosto do leitor*, o que implicava obviamente em tornar-se palatável e, assim como tipificavam, *popular* – categoria esta entendida como uma mídia voltada à *defesa dos indefesos*, que transformava a informação escrita em imagem, valorizando-a, voltada a um público de trabalhadores que destacava o noticiário de crimes, das tragédias, os palpites do jogo do bicho, as queixas do povo, a publicação de folhetim, entre outras estratégias que visavam aumentar tiragens e vendas.

Aliás, no início da década de 1920, esta tendência se enfatizava, com a circulação de jornais dedicados exclusivamente a este tipo de formatação, tais como *A Manhã* (1925) e *A Crítica* (1928). Este último é considerado, no período, o *mais popular* na cidade do Rio de Janeiro, sendo sua prioridade o noticiário policial. Barato e, portanto, vendável por sua opção de centrar-se na relação com o seu público. Segundo a própria mídia, o “jornal das multidões, fez-se para as multidões, que não atende senão aos sentimentos das multidões, juízes de sentenças irrecorríveis pelo instinto”. (BARBOSA, 2007:63)

Além disso, neste jornal criou-se a intitulada *Caravana de Crítica* com o sentido de ampliar essa proximidade com as pessoas, no qual os repórteres que se dirigiam ao local do fato criminal eram qualificados como *aventureiros*, em meio *aos perigos*, ao vivo, e que

“plasmou-se este grupo de empolgantes ‘sherlocks’ em um núcleo corajoso de farejadores de crimes, de tragédias, dos pesquisadores de curiosidades, dos decifradores de mistérios”. (BARBOSA, 2007:66)

Neste momento a revista *Vida Policial* foi publicada pela primeira vez em março de 1925, na cidade do Rio de Janeiro. Este foi o momento de intensas mudanças no jornalismo notadamente carioca, a ênfase no *noticioso popular* pareceu ser o enfoque a ser dado para ser vendável. Entretanto também, o *doutrinário e crítico* o que significava uma marcante presença da criminologia, da criminalística, da crônica de costumes, do conto e folhetim policial e reforma da polícia, entre outras matérias afins.

Inicialmente, o periódico foi dirigido por Waldemar Pereira de Figueiredo, na época bacharel em direito, e por Raul Ribeiro, inspetor de segurança da 4ª Delegacia Auxiliar, possuindo inúmeros colaboradores, (CAULFIELD,1993:146)entre eles médicos, criminalista, policiais entre eles Evaristo de Moraes, Elyσιο de Carvalho, Esmeraldino Bandeira entre outros. (CUNHA, 2002:232)

Portanto, além do destaque ao *sensacional*, a organização policial era destaque nas reportagens, assim como as seqüências sobre o histórico da instituição, biografias e muitas fotografias de chefes de polícia, tanto a militar quanto a civil, os comparativos com a polícia de outras partes do Brasil e do mundo, a formação policial, técnica, criminologia e investigação policial, além de matérias sobre o sistema penitenciário.

No primeiro número de 14 de março de 1925, em nota reproduzida do jornal *A Gazeta*, diz-se:

O novo jornal, que tratará largamente de policia scientifica, interessará por isso não só aos que militam nos departamentos asseguradores da ordem, como ainda ao grande público pelas noticias dos crimes da cidade que nenhuma imprensa poderá divulgar com mais detalhe, rigor, precisão e minúcias que aquella que se especialise neste assumpto. (Vida Policia, 1925, número1)

O semanário enfatizou a problemática da modernização da polícia, como nos debates sobre as questões que envolvem a adoção da Escola Positiva e a Escola Clássica, o que envolvia a discussão, porém destacava-se a Antropologia Criminal. No *Preâmbulo*, editorial do número um da revista destaque um trecho em que se revela a adesão aos *modernos processos de repressão* policial:

Dos remotos e bárbaros meios de repressão e castigo adoptados por esse e outros policiais do século passado, chegamos, através do progresso constante por que veio passando o paiz, á policia scientifica, sem algemas, sem açoites, sem pelourinho, e mesmo sem o clássico porrete de madeira nodosa, apanágio e distintivo, até a poucos annos, do nosso antigo e impagável “secreta”... (Vida Policial, 1925: número 1)

Os seus editores negavam qualquer simpatia ideológica e afirmavam que a revista era completa e radicalmente dissociada das questões políticas. Reconheciam-se como neutros tais quais as forças policiais. (CAULFIELD, 1993:150) Contudo em diversos editoriais e matérias, a revista insere os seus principais temas de combate: o jogo do bicho, a prostituição, a cafetinagem, a cocaína e ao álcool. E devido a isto Waldemar de Figueiredo envolveu-se em uma querela judicial com setores na polícia ligados ao jogo do bicho, na cidade do Rio de Janeiro. Esta acusação foi pública, pois Figueiredo publicou suas opiniões em seção editorial, e a partir de então, estas se transformam em provas no processo que o condena.

No periódico, eram também destaque as narrativas ficcionais criminais e as detetivescas, sempre acompanhadas de ilustrações e/ou fotografias. Segundo Caulfield, este tipo de formatação deveria atingir o grande público, tanto quanto os policiais de alta patente. No geral, atingiria um público urbano, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, de classe média e de baixa classe média. A propaganda, na revista, era reveladora deste público: desodorantes, shampoos, perfumes, cafés, cinemas, livrarias, lugares de diversão, casas de loteria, remédios em geral, jornais, roupas, sapatos, restaurantes, empresa de transporte marinho, casa de sementes, cigarros, lâmpadas, bancos, entre outros.

As referências às narrativas policiais podem ser encontradas na revista ao longo de toda a sua existência. Publicações de sucesso que repercutem em várias seções como, por exemplo, nas cartas dos leitores, na propaganda de livros policiais, nas notícias de crimes, neste caso onde se compara os criminosos aos personagens e ações *rocambolescas* que surgem nas obras de Doyle ou Poe, entre outros autores.

E também, nas ações dos investigadores, que, comparados a personagens-tipo, eram chamados de *Sherlock*. Portanto, a inspiração para tornar-se policial e a forma de investigação dos detetives era comparada à ficção. Por outro lado, havia a pernicioso influência da literatura policial que ensina a ser *bandido*, presente no cinema, na literatura e na imprensa, entendidos como *escolas do crime*.

Na revista *Vida Policial*, a publicação de contos ou folhetim policial foi recorrente desde os seus primeiros números. No total de oitenta e duas revistas analisadas, encontramos 173 contos ou folhetins policiais e os seguintes autores: Caius Martius, Several, Woestyn, Arthur Antunes Maciel, E. W. Hornung, Arthur Conan Doyle, Dr. P. Rosenhain, Gaston Leroux, F. Fritten Austin, Medeiros E. Albuquerque, Edgard Allan Poe, Maurice Level e Nick Doile.

Neste ensaio, trabalharemos somente com alguns autores, escolhidos por sua expressividade numérica e pela caracterização *sui generis* dos seus personagens. Neste caso, foram três os autores escolhidos: Caius Martius e Arthur Antunes Maciel e E. W. Hornung.

Caius Martius escreveu a maior parte das narrativas publicadas pelo hebdomadário, no total, foram 51 contos e folhetins, publicados ao longo de toda a existência da revista. E, somente depois de “52 semanas de lutas”, em número especial de aniversário da revista o autor que se escondia neste pseudônimo foi revelado e ele era o próprio diretor-secretário da revista, Cláudio de Mendonça (1888-1954).

Apresentado por *Tartarin Holmes*, em matéria comemorativa, como um indivíduo de “cultura sólida, intelligencia aprimorada, um dos raros especialistas de policia intelectual em nossa terra, modesto e bom, tão bom e tão modesto que chega a occultar o seu título de bacharel em direito...”. (Vida Policial, 1926, nº 53, p. 24)

Retratado em charge como *o creador de Barrios e Miss Bianca*, dele se diz que “Em torno da fronte austera e indicadora de um primoroso talento, ahi está numa optima allegoria a sua imaginação em atividade, vendo-se algumas das figuras criadas pelo brilhante novelista policial.” (Vida Policial, 1926, nº 73) Na charge, estão retratados os protagonistas do folhetim policial criado pelo autor, que são os detetives professor Barrios, personagem principal, Miss Bianca e Menezes, os seus auxiliares. Na imagem, as representações dos personagens investigados pelo trio – os tipos criminosos – também foram retratados pelo chargista com base nas criações de Cláudio Mendonça.³

Nas narrativas, o professor Barrios é o *cérebro* das investigações, assessorado por Bianca, uma argentina descrita como inteligente, ousada e de muita coragem, além do fiel Menezes, jornalista investigador. O lugar de ambientação das histórias é a cidade do Rio de Janeiro da década de 1920. No entanto, no decorrer das aventuras, a protagonista das narrativas passou a ser Bianca, o que obviamente é uma inovação de construção de personagens, ou seja, uma investigadora e detetive mulher como protagonista. *Miss Bianca, detective-amadora, por Caius Martius*, era a chamada destas narrativas que, no total, perfazem nove (9) edições.

3 Cláudio Jose Maria Sant’anna de Mendonça nasceu na cidade de Goiás. Foi professor de latim e português no Liceu de Goiás. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, tornou-se mestre dactiloscopista, trabalhou no Serviço de Identificação do Distrito Federal e Serviço de Identificação da Marinha. Em 1933, publicou um livro sobre datiloscopia intitulado “Arquivo Mono-dactilar”. <http://www.mendoncas.xpg.com.br/clauidiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

Os seus contos pareciam ser muito lidos e promotores de vendas do semanário. Do total de treze capas da revista com chamada para a literatura policial, onze destacaram as criações do autor. É importante frisar que todas são imagens do desenhista Cícero, o autor de quase todos os desenhos da revista.⁴

Citações dos folhetins deste autor aparecem também na seção *Caixa de Correio*. Nesta seção, as cartas dos leitores eram respondidas. Obviamente que o fato de o cronista ser diretor-secretário da revista influenciou na presença destacada do autor nas publicações. Posteriormente, na década de 1930, Mendonça se tornará funcionário do Gabinete de Identificação e ocupará postos importantes no Instituto de Identificação.(CUNHA, 2002:199) Martius publicara os seus folhetins em duas outras revistas, no *Boletim Criminal*, editado de 1927 a 1935, e na *Polícia em Foco*, editado em 1948. (CUNHA, 2002:186) Para Cunha, autora cujo foco de suas análises são as histórias do Professor Barrios,

ciência como linguagem e autoridade como princípio são temas caros não só aos romances, mas aos manuais e periódicos policiais cariocas nos anos 30. Contudo, o que parece importante destacar, tomando como inspiração a narrativa de Martius, são os modelos de ação policial a que tais textos aludem, uma vez que as idéias de ciência e arte aparecem de forma imbricada, configurando um modo singular de zelar pela ordem e segurança públicas. (CUNHA, 2002:199)

Ademais o interesse pela narrativa policial, no período do início do século XX, foi intenso. Segundo Sússekind, em sua análise sobre o texto de João do Rio intitulado *A profissão de Jacques Pedreira*, o tipo de *literatura industrial seriada* era o tipo de escrito com que Jacques, personagem principal, *regalou-se* em um momento em que não havia nada a fazer, com a *literatura que rolava na copa*. O texto foi publicado na forma de folhetim, no ano de 1910, junto com as aventuras de Sherlock Holmes e Nick Carter, o que não era exceção, pois as revistas em voga à época publicavam com sucesso o gênero, como a *Fon-Fon!* e *A Careta*. Além disso, filmes baseados nos escritos de Carter foram exibidos nos cinemas cariocas de então e encenaram-se peças teatrais, outras houve referências às narrativas policiais em forma de piadas, charges. (SÜSSEKIND, 1998:195-196)

Outro texto publicado na revista foi *Raffles – ao serviço do bem. Romance de E. W. Hornung*, cujo personagem principal era A. J. Raffles. Chamado de *mestre do crime*, foi o primeiro do tipo *herói negativo*. Porém, o destaque e o pioneirismo são dados a Arséne Lupin, de Maurice Leblanc (1864-1941). Menos famoso, o seu primeiro livro foi publicado

4 Cícero Valladares foi caricaturista e ilustrador. Desenhou para a revista "O Tico" "A vida de Floriano Peixoto", escrita por A. Plessen. Na época trabalhou com publicidade, como para as propagandas da Bayer. http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares. Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

em Londres, em 1899. O autor, Hornung, era mais conhecido como o cunhado de Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes.

Hornung criou a dupla do *elegante* ladrão Raffles e de Bunny, seu cúmplice e memorialista. No número 27 da revista, a publicação do primeiro folhetim do autor foi acompanhada por um texto descritivo das qualidades do personagem principal. No folhetim, publicado pela revista em nove partes, estas aventuras incluem um rival, *um terrível patife, usurário sem escrúpulos*. As aventuras do famoso ladrão publicadas o descrevem como:

um bandido, mas de uma espécie muito especial: um ladrão elegante. Bella figura de homem, de maneiras superfina, membro dos clubs mais chics de Londres, villegiatura nos castelos dos nobres lords e sua habilidade no tennis valeu-lhe os sucessos mais lisongeiros. Devemos accentuar que os convites escolhidos, que recebe, facilitam singularmente seu 'trabalho' !... (Vida Policial, 1925, nº 27)

Além disso,

se um homem tão distinto e tão conhecido abraçou a ingrata profissão de ladrão, é simplesmente porque a sorte o obrigou a dotar-se com a fortuna necessária a sua posição social. Acrescentamos que elle é de um caracter aventureiro e encontra no roubo nada mais que um sport, extremamente fecundo em emoções. (Vida Policial, 1925, nº 27)

É considerado um “*verdadeiro mestre em sua arte*”, bem como o seu *acolyto e cúmplice* Bunny, *seu antigo camarada de colégio*. A sua forma de ação é eficaz, pois “*a superioridade de Raffles estava no facto de nada deixar ao acaso e combinar seus planos com a sciencia e calculo de um estrategista*” e encontrou *no caracter de ladrão por bons motivos*. A revista publica-o como *uma grande atracção*.

Para Albuquerque, personagens da narrativa policial como Raffles, de Ernest William Hornung (1866-1921), são *heróis negativos*, pois são ladrões, *modernos Robin Hood*, porém *populares* e simpáticos ao público, e que representam, por outro lado, os seus perseguidores, geralmente da polícia, de modo antagônico.(ALBUQUERQUE, 1979:109) Raffles tornou-se símbolo de elegância e apelido de todo ladrão com as mesmas maneiras, pois era leitura *popular* em sua época.

No mesmo gênero, mas seguindo a perspectiva do *herói às avessas*, são as *Memórias de um rato de hotel* nestas há a construção do personagem principal como um marco na história da ladroagem nacional: o Dr. Antonio, o tipo literário do ladrão inteligente, sagaz e perspicaz que somente por um percalço do destino foi preso. A revista publicou quase todo na íntegra em 16 capítulos, do número 2 ao 19, no ano de 1925.

A narrativa em folhetim de suas memórias desenrola-se com suas peripécias. Desde a sua origem social, a entrada no mundo do crime, sua mudança para o Rio de Janeiro e a sua

carreira como *rato de hotel*, ou seja, aquele que furta em hotéis. O término de suas histórias dá-se a partir do momento em que foi definitivamente preso. Entre outras questões relata a corrupção na polícia, glossário com gírias do calão criminoso, entre outros aspectos do *mundo do crime*. Na prisão, descreve os males incorrigíveis desta instituição, sobre os guardas e sobre as delegacias. Neste sentido, é interessante ver a sua comparação ao *Conde de Monte Cristo*. Aplica seus golpes nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e no interior. Sobre esta questão, constrói a oposição entre a cidade grande e a sua propensão ao crime e a calma da cidade do interior.

Em 2000, o texto foi publicado na íntegra e segundo o posfácio de João Carlos Rodrigues e a nota de Doyle, Arthur Antunes Maciel, vulgo o Dr. Antonio, relatou sua história a João do Rio, que então, na realidade, a escreveu: “Ditado por Dr. Antonio a João do Rio, escrito a quatro mãos pelos dois ou editado pelo segundo a partir de um rascunho do primeiro...? Ao leitor, o benefício da dúvida.”⁵

No mesmo gênero, mas seguindo a perspectiva do *herói às avessas*, são as *Memórias de um rato de hotel* nestas há a construção do personagem principal como um marco na história da ladroagem nacional: o Dr. Antonio, o tipo literário do ladrão inteligente, sagaz e perspicaz que somente por um percalço do destino foi preso. A revista publicou quase todo na íntegra em 16 capítulos, do número 2 ao 19, no ano de 1925.

A narrativa em folhetim de suas memórias desenrola-se com suas peripécias. Desde a sua origem social, a entrada no mundo do crime, sua mudança para o Rio de Janeiro e a sua carreira como *rato de hotel*, ou seja, aquele que furta em hotéis. O término de suas histórias dá-se a partir do momento em que foi definitivamente preso. Entre outras questões relata a corrupção na polícia, glossário com gírias do calão criminoso, entre outros aspectos do *mundo do crime*. Na prisão, descreve os males incorrigíveis desta instituição, sobre os guardas e sobre as delegacias. Neste sentido, é interessante ver a sua comparação ao *Conde de Monte Cristo*. Aplica seus golpes nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e no interior. Sobre esta questão, constrói a oposição entre a cidade grande e a sua propensão ao crime e a calma da cidade do interior.

Em 2000, o texto foi publicado na íntegra e segundo o posfácio de João Carlos Rodrigues e a nota de Doyle, Arthur Antunes Maciel, vulgo o Dr. Antonio, relatou sua história a João do Rio, que então, na realidade, a escreveu: “Ditado por Dr. Antonio a João do

5 MACIEL, Arthur Antunes. *Memórias de um Rato de Hotel*. Rio de Janeiro: Dantes. 2000, p. 291.

Rio, escrito a quatro mãos pelos dois ou editado pelo segundo a partir de um rascunho do primeiro...? Ao leitor, o benefício da dúvida.”⁶

Considerações preliminares

Neste artigo pretendemos sinalizar algumas das questões que estão em processo de elaboração em minha tese de doutorado. Neste momento pretendemos trabalhar as informações recolhidas nas novelas, folhetins e contos policiais e criminais na revista *Vida Policial* e analisar a sua tipologia, as construções sobre os delitos, detetives, as vítimas e sobre os criminosos.

Nossas conclusões preliminares nos permitem sustentar as nossas hipóteses de que as narrativas policiais construíram formas de “educação às avessas”, pois as ações e personagens imprimem a marca das ilegalidades como forma de combate social aceitável e considerado mais eficaz. Além disso, as ações e meios do combate ao crime, vistos como modelo ideal, perpetrado por agentes de segurança amadores, os detetives diletantes, implicam sempre na potência individual do supercérebro do investigador, de inteligência exemplar, que a exemplo de Sherlock Holmes expande e consolida-se como modelo de ação de investigação, o super-herói, arquetípico da possibilidade de consolidar uma exemplaridade de vigilância, prevenção e segurança em sua totalidade.

Referências Bibliográficas.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. *O Mundo Emocionante do Romance Policial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAULFIELD, Sueann. “Getting into Trouble: Dishonest Women, Modern Girls, and Women-Men in the Conceptual Language of *Vida Policial*, 1925-1927.” *Signs: A Journal of Women in Culture Society*, no. 19, 1 (1993).

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e Gesto*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

REINER, Robert. *A Política da Polícia*. São Paulo: Edusp, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. “O Cronista & o Secreto Amador.” In *A Voz e a Série*, 179-211. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

6 MACIEL, Arthur Antunes. *Memórias de um Rato de Hotel*. Rio de Janeiro: Dantes. 2000, p. 291.

Fontes citadas

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro, 1925, n.1.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1925, n.6.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1925, n.45.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1926, nº 53.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1926, nº 73.

Sites consultados

http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares.

Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

<http://www.mendoncas.xpg.com.br/clauidiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.